



Juan Estrova/Folha Imagem

O realizador de vídeos Bill Viola, ontem, na área de convivência do Sesc Fábrica Pompéia

Videomaker norte-americano Bill Viola defende vídeo 'despojado'

ANTONIO GONÇALVES FILHO

Da Reportagem Local

BILL VIOLA NO 9º FESTIVAL INTERNACIONAL VIDEOBRASIL - Amanhã, às 11h, palestra do realizador sobre suas instalações. Hoje, às 16h50, Bill Viola apresenta seu vídeo "The Passing" no mesmo local, teatro do Sesc Fábrica Pompéia (r. Clélia, 93, tel. 011/864-9544, Pompéia, zona oeste de São Paulo). Entrada franca.

Bill Viola, 41, o mais conceituado realizador de vídeos dos EUA, chegou ontem a São Paulo para participar, como homenageado, do 9º Festival Internacional Videobrasil, que termina amanhã. Viola vai mostrar, entre outros trabalhos, o recente "The Passing" (1991), do qual foi extraída a idéia básica do vídeo "The Arc of Ascent", apresentado este ano na 9ª Documenta de Kassel (Alemanha).

Nascido em Nova York, Viola já viajou por todos os continentes, sempre trabalhando com mitos de diferentes culturas. Nessa retros-

pectiva do Videobrasil, por exemplo, há vídeos gravados no deserto da Tunísia ("Chott-El-Djerid") e no Japão ("Hatsu-Yume"). São trabalhos que discutem a relação do homem com o meio ambiente, seus ritos e a permanente sensação de deslocamento do ser humano num mundo em que até os animais codificam suas experiências em linguagem, segundo Viola.

"Certa vez tive uma experiência inacreditável numa floresta. Um bicho se aproximou, olhou em meus olhos por dois minutos e fugiu. Estou certo que ele converteu esse episódio numa experiência narrativa, transmitida a outros animais", diz, comparando esse contato a uma estadia no deserto, a mais radical experiência que um homem pode ter, segundo ele.

Místico, Viola acha que não se escapa nunca da narração, mesmo quando essa experiência de torna difícil de ser transmitida a outros. "É como estar diante de uma tela de Barnett Newman, a redução física mais radical. Você se sente insignificante. Não por outra razão, os místicos cristãos iam ao deserto para estar num território ao mesmo tempo infinito e reduzido fisicamente ao mínimo".

Há uma transferência estética

desse fenômeno para seus vídeos. Eles usam avançada tecnologia e apresentam resultados formais simples. Viola descobriu que a percepção é mais importante que o acúmulo de informações. "Quando morei na Itália, logo após terminar a faculdade, descobri que podia aprender a língua recorrendo a um estado pré-lógico e ouvindo o narrador interno que existe em nós. Funcionou".

O que importa para Viola não é tanto a conquista tecnológica, mas o uso que se faz dela. Frequentemente associado a místicos como San Juan de la Cruz, ele acha que está a serviço do vídeo, e não o contrário. "Sinceramente, não escolho temas, são os temas que me escolhem", diz, sorrindo.

"Não creio que minhas imagens sejam muito diferentes daquelas que se encontravam nas cavernas pré-históricas ou nos quadros de Cézanne. A diferença é que o vídeo não precisa de luz para gerar imagens. Com o computador podemos criar imagens que não existem. Meus colegas se deslumbram com essa possibilidade e, confesso, me sinto um pouco isolado por causa disso."

LEIA MAIS

sobre Bill Viola 3 pág. 4-3

